

Phisionomia da politica portugueza

PHISIONOMIA DA POLITICA

A semana que passou vae pertencer á historia pelos clarões que trouxe a um ponto obscuro da politica portugueza. De ha muito se affirmava por toda a parte, na rua do Ouro, no Gremio, na casa havaneza, no passeio publico, na sociedade dos Phénians que a politica não passava de uma sciencia especulativa, ou antes especuladora, a qual tinha em vista cuidar desyveladamente, quasi como as Vestaes, em entreter o fogo sagrado— da digestão.

*

Partindo d'esse principio, o publico explicava todas as mudanças de côres, todas as deserções, todas as adhesões, toda a variação de idéas, todas as convicções da ultima hora, por essa singela viscera, mais ou menos ávida, no prolongamento do esophago. Ora, se algum dia houve no mundo, uma affirmação calumniosa, foi essa.

Vejamos.

*

O digno ministro do reino, um dos vultos politicos mais proeminentes, pelas tradições e pelo abdomen, farto de ser alvo das settas hervadas da opposição, acaba de demonstrar que a sua gordura não é feita com sangue do povo, mas simplesmente produzida por uma hydropesia chronica. Por isso vae deixar, por alguns tempos, as rédeas do governo e partir para Vidago — a ver se emagrece alguma cousa.

*

Fica pois destruida a interpretação calumniosa que á nossa primeira caricatura podiam dar os jacobinos portuguezes. Aquella phisionomia, significa apenas que a politica constitucional, não é um meio de engorda, mas sim o systema mais aperfeiçoado de possuir um ar de giboia enfartada, quando apenas se tem o estomago inchado.

*

Portanto essa parte do governo que vae partir para o Vidago, afim de se tornar menos masthodontica, revela, quanto a nós, um tacto politico e um amor á sua reputação, acima de todo o elogio. Sómente parece-nos, que, para emagrecer, além de Vidago ha ainda alguns meios: fumar charutos de Xabregas, tomar revalescière e obter alguns desgostos. Estes processos são mais simples e menos dispendiosos; obram mais violentamente, trazem um soffrimento maior, mas nunca falham. Sobre tudo o ultimo parece-nos infallivel.

*

Imagine-se que um bello dia, a *Revolução de Setembro*, começava a ter espirito, que o sr. Barros e Sá, fazia um discurso esplendido, que o sr. Thomaz Ribeiro escrevia uma optima poesia. Ahi tinhamos o partido regenerador afflicto, desgostoso, e abatido. O sr. Arrobas começava a transformar-se lentamente n'um esqueleto do gabinete anatomico, e o sr. Sampaio passaria a ser a definição mais completa de linha mathematica.

*

Finalmente, quando o numeroso partido de que nos occupamos chegasse a esse ideal romantico, á expressão mais simples—á pelle e osso, que grandes vantagens para a sociedade portugueza! As cuécas, as philarmonicas, e os interiores domesticos ficariam jubilosos! Ser-lhes-hiam fornecidos, com abatimento, os seguintes objectos de grande consumo: muitos botões, alguns tambores, e diversos bahús.



Leitor: todo o nosso empenho, esta semana, foi procurar em Lisboa novidades importantes para te dar, e não podémos, todavia, lograr o nosso intento! Nós corremos o Chiado, a rua do Ouro, a Bitesga, fomos ao caes, ao Atterro, entramos nos botequins, subimos aos tribunaes, frequentamos os theatros, explorámos os jornaes, estivémos nos passeios, corremos as egrejas,— a pé, nos omnibus, nos coupées, nos americanos, nos botes, nos vapores, e achamos exactamente a mesma Lisboa da semana passada. — As mesmas *toilettes* no mundo elegante, os mesmos lenços tabacosos na reacção, a mesma generosidade nos banqueiros, as mesmas contravenções nos registos da policia, ás mesmas esperanças na mocidade, as mesmas camisas na demagogia, os mesmos cavallos no *Sport*, a mesma banha de cheiro nos penteados da baixa, os mesmos começos d'incendio nas trapeiras, as mesmas quinzenas no dandysmo, a mesma corrupção no asphalto do Rocio, os mesmos joanetes no partido conservador, e a mesma falta d'agua nos costumes!

Se exiges, pois, já hoje, uma Lisboa nova não t'a podemos dar: contenta-te com a que te ministramos a semana passada e arranja-te como fór possível.



O PIMPÃO

O Pimpão chegou á barra,
 O Fontes lhe deu a mão:
 — Rica prenda, deixa a amarra,
 E emquanto a imprensa berra
 Salta em terra
 Maganão!

Dou-te incenso, dou-te myrra
 Só por birra
 Ás folhas da opposição;
 E, emquanto sopra bom vento,
 Anda commigo a S. Bento,
 Conversar com o Carlos Bento,
 Descançar um bocadinho,
 Tomar chá!

E depois ninguem dirá,
 Em côro com a opposição:
 Amiguinho
 Carlos Testa,
 O pimpãosinho
 Não presta;
 É um cavallinho de pau;
 Dê-lhe palha, dê-lhe feno;
 Bem se vê que o maganão
 Não tomou chá em pequeno.



A *Correspondencia de Coimbra* dirigiu algumas amaveis recommendações á *Lanterna Magica*, dizendo-lhe que se não desnortheastasse, que tivesse juizo, etc.

Ah! nada nos enternece mais do que um conselho paternal dado em voz solemne, n'um estylo sentencioso, com adjectivos cheios de protecção, verbos no modo conjunctivo, ares de quem conhece os desvarios da mocidade e quer applacar-lhe os impetos! Não levámos a mão dramaticamente á cabeça, nem pedimos uma bussola, mas dissemos com os nossos botões que só á *Correspondencia de Coimbra* se deviã attribuir, do dia 13 de junho em diante, todo o bom senso que porventura o nosso jornal manifestasse.

Sem as suas palavras aonde iriamos nós parar, santo Deus? Só esta idéa faz estremecer!

Nós estamos vendo por detraz d'aquella prosa patriarchal, um frequentador da estrada da Beira, bacharel formado, bom chefe de familia, morigerado, com certidão de folha corrida, callos e ardentese desejos de ser guia, mestre, e bussola á nova geração litteraria de Portugal e ilhas adjacentes!

Nada mais louvavel, nada mais digno de veneração!

Comtudo, o seu conselho deveria ter apparacido cinco semanas antes, para que nós modificassemos o programma da *Lanterna Magica* pelo da *Correspondencia de Coimbra*. Então o nosso jornal teria um successo monstruoso, um successo como nunca se viu e ficariamos com toda a gloria em casa — e todos os exemplares.



Da Luza-Athenas, como diria o sr. Olympio Nicolau, communicam-nos o seguinte:

Um lente da Universidade, guerreado nas eleições da Misericordia por um seu collega, decidiu tomar a negra vingança de lançar RR aos mais distinctos discipulos do seu inimigo eleitoral. Este factio parece ter produzido grande indignação em Coimbra.

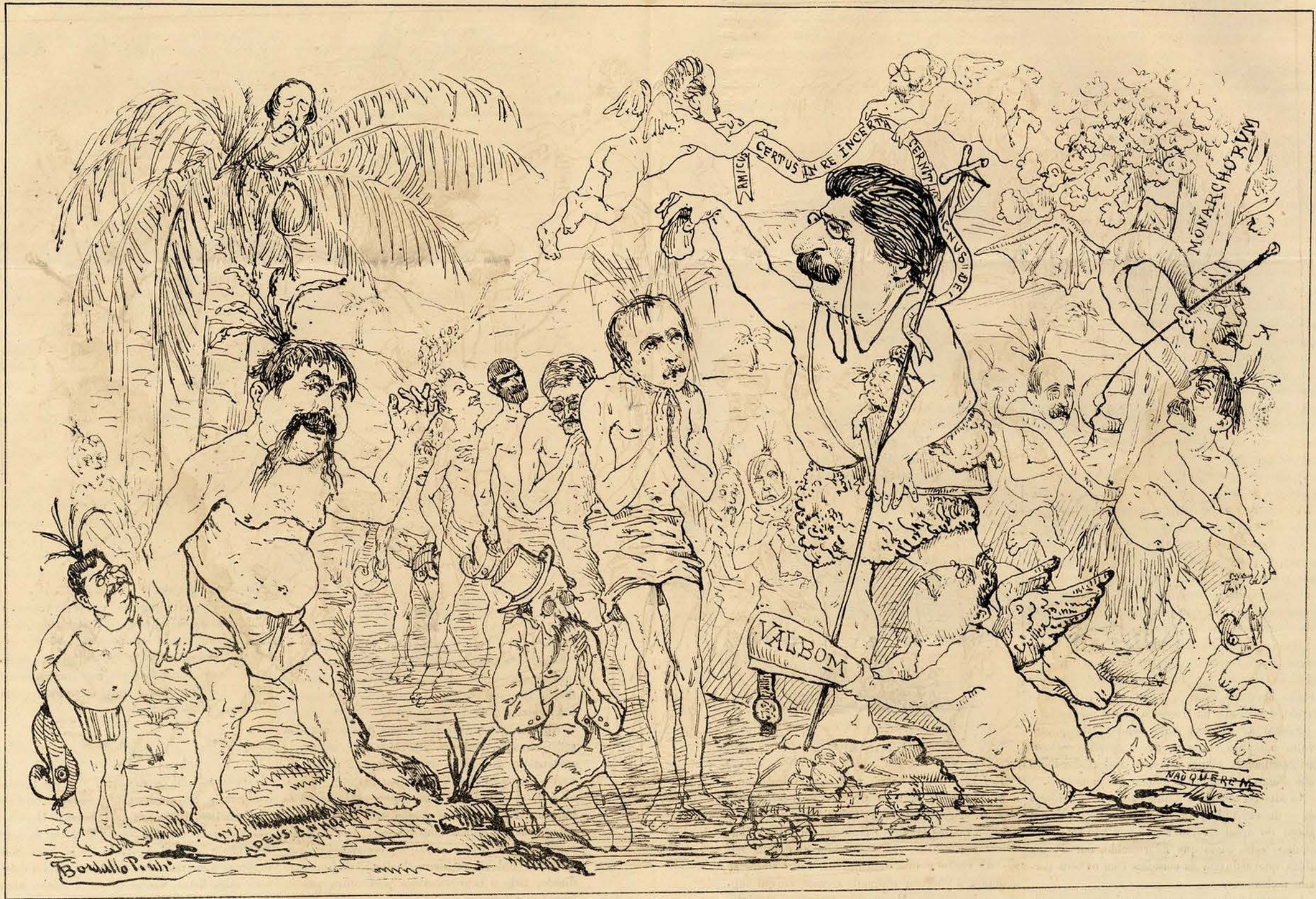
Nós aconselhamos ao *primeiro estabelecimento scientifico de Portugal* uma desafronta ao proceder iniquo d'aquelle seu ornamento. Que a universidade peça licença aos poderes publicos para proceder a respeito d'elle, por esta forma singela: arrancar-lhe a vida — e as visceras, empalhal-o, e collocar-o no museu.

Assim, a urna da Misericordia deixará de estar sobre a meza dos exames, e o digno professor poderá prestar alguns serviços á sciencia.

Que o museu zoologico clasifique como entender a sua nova aquisição: não nos importamos com isso; o que exigimos é que lhe mettam palha na barriga... todos os dias.



O *Correio da Tarde* pediu que lhe fizessem continencia. Nós obedecemos, encarregando d'isso a S. Francisco. Passou-se uma semana. Hoje a *Nação* apparece dizendo que não gosta da offerta. Pois não a pedisse! Agora ha de acceitar. Sómente, como a continencia tem de ser feita a dois jornaes miguelistas, vamos avisar o Santo, afim de que as faça — em duplicado.



S. João... d'Andrade, baptisando os infieis.

(Quadro historico attribuido a Rubens. Colorido rubicundo.)

O BAPTISMO DOS INFIEIS

(Quadro attribuido a Rubens)

A eschola flamenga é, de todas as escholas de pintura, aquella que tem caracteres mais accentuados e mais fixos, nas carnações opulentas, nas redondezas flascidas, na vida dormente, na expressão voluptuosa, na florescencia das carnes. Por isso, quando ha dias, n'um bazar de Lisboa, nossos olhos cahiram sobre uma téla veneranda, que se achava exposta ao publico, não vacillamos um instante em a classificar como obra do grande mestre Pedro Paulo Rubens. E desde esse instante promettemos a nós mesmo reproduzir-lhe o contorno, na primeira occasião opportuna.

O conjunto é d'uma belleza surprehendente. O vulto de S. João, primor que tem resistido á acção dos tempos, conserva-se perfeito e rosado, como no instante em que sahiu das mãos do artista. A sua expressão é serena, voluptuosa e doce. O braço direito estende-se n'um gesto gracioso, lançando com a concha, as aguas regeneradoras sobre os filhos do peccado.

O infiel que recebe o baptismo ergue as merencorias vistas ao ceu, n'um jubilo intimo, abjurando as passadas iniquidades e as tremendas allucinações de outr'ora.

A seus pés um anjo de formas opulentas offerece-lhe em galardão o premio dos justos.

Ao centro do quadro, no primeiro plano, ajoelhada sobre as aguas, vê-se uma figura, em que se revella certa feição humoristica do pincel do grande mestre. O personagem tem um ar constricto, e as suas vestes, pertencentes a uma epocha posterior, e a uma civilisação mais adiantada, parecem querer mostrar que elle tem já de antemão, *pelas suas obras*, marcado um lugar na posteridade.

Alguns infieis tomados de terror supersticioso, fogem espavoridos, como quem não acredita nas mirificas virtudes do baptismo. Sobre elles um dragão horrendo dardeja a farpada lingua, mostrando, encrusado na frente, o gladio da punição.

D'entre as bellezas mais notaveis do quadro avulta o manso cordeiro, que o apostolo sobraça carinhosamente, como querendo resguardar-lhe o vello d'ouro, dos appetites ferozes dos cannibaes.

No alto do quadro é d'uma execução deliciosa o *par* — de cherubins, que sustenta a faxa sobre a cabeça do apostolo. Ao fundo pousado sobre um coqueiro está, como que adormecido, um d'esses sabiás que seduzem os corações com os seus gorgeios melodiosos.

Á esquerda, dois gentios fazem mimicas signifi-

cativas ao discipulo amado, parecendo querer furtar-se aos beneficios da nova fé. Estão pintados com perfeição; teem um colorido quente como as paisagens da Beira, — o que é d'um bello contraste, por estar em *oposição* ao tom geral do quadro.

Emquanto aos symbolos de revolta, collocados pelo pintor nas mãos dos infieis, não podemos desde já dar explicações, por haver juizos controversos.



O XÉQUE DE QUINTANGONHA

O Xéque de Quintangonha
N'uma tristeza medonha
Já lá vai!
E á hora da despedida
Uma lagrima sentida
Nas aguas do mar lhe cae!

Adeus terra de delicias
Que o *Diario de Noticias*
Diz que amei!
Por ti deixei d'uzar tanga
E os brinquedos de missanga
Despresei!

Eu deixo-te com os folhétos,
E os compendios tremébundos,
Que o sr. João Felix faz,
Entregue ao zelo dos Prêtos,
Furibundos,
Do bom Váz!



O PASSEIO

Em Lisboa não ha ninguem que o desconheça e as provincias nutrem por elle uma admiração sincera. A capital vota-lhe todavia a profunda veneração que os Gaulezes professavam pelas velhas florestas druidicas, e, exceptuando as quintas feiras de verão e dias santificados, raras vezes se abalança a penetrar n'aquelle recesso, em que supõe, talvez, o sr. Margiochi, supremo sacerdote,

celebrando no silencio, sob a magestade dos arvo-redos, reconditos mysterios.

N'aquelle lagosinho circular da entrada teem-se mirado varias gerações de trovadores desde o bar-do José Carlos o — crente, até Xavier de Paiva o — crú! e nas lagoasinhas lateraes mil suspiros de aspirantes do exercito teem fluctuado á flor das aguas, recebendo, em troca de uma confidencia, uma *paludoza* — para contentar!

*

Em certos dias determinados pelo calendario a baixa, porem, começa a golphar grandes torrentes humanas sobre a rua central. Átilas de quinzena avançam intrepidos da rua dos Algibebes sobre o chão sagrado do municipio — com os seus furores domingueiros, os seus fatos do Nunes — e as suas familias!

*

Ainda na quinta feira ultima grande indignação da sociedade elegante Lisbonense contra o calor dos tropicos. O grande mundo tinha pedido o referido calor e suppondo encontra-o á porta da rua, á espera, dirigiu-se com os seus trages mais frescos e mais aerios ao passeio, para conversar um momento, mas o perfido não appareceu! No passeio ninguem dava noticia d'elle: — um frio de gelar! Os proprios refrescos do botequim sentiam vontade de tomar cousas quentes!

*

D'aqui as considerações mais audaciosas.

Estará a dormir?

Refluiria todo elle á alma do sr. Thomaz Ribeiro?...

Iria para Cacilhas?

Estará em Vidago?

* Dormirá ao canto da chaminé?

E na rua central a sociedade elegante, passeava agitada, vertiginosa, em delirio, levando a mão á testa, — de fato de ganga! — Perfido!

*

Eram 11 horas; grande mazurka sentimental pela banda militar: o grande mundo não desesperava; entretanto o frio era cada vez mais intenso.

— Naturalmente foi despedir-se do Xequê de Quintangonha e mandar por elle recomendações ás plagas africanas. Ainda apparece.

*

A sineta tocou tres vezes! Desesperança profunda! A sociedade elegante sahia silenciosa, com um grande desengano n'alma e um grande defluxo!

Romêos de calça branca, faziam protestos mysteriosos. A prespectiva do xarope desenrolava-se sinistra no horizonte!

Ó somno d'innocencia da rua dos Retrozeiros, bemdito sejas tu!

*

No fim de tudo o calor dos tropicos simplesmente tinha considerado que devia ficar em caza, muito á sua vontade, com o seu barrete de lã e as suas chinellas: — O grande mundo que se arranjasse como podesse.



A *Gazeta do Algarve*, diz:

«O nosso amigo Adriano Corrêa da Fonseca que, com tanto acerto, desempenhou aqui o papel de centro que lhe foi distribuido na *Morgadinha de Val Flôr*, foi nomeado 1.º official da repartição de fazenda do districto de Beja.

É uma recompensa merecida e muito em harmonia com os meritos que o distinguem.

Os nossos sinceros parabens.»

De fórma que este cavalheiro sendo nomeado 1.º official, por ter desempenhado o papel de centro na *Morgadinha*, devia, em justa razão ser nomeado:

Se fizesse o *Tartufo*, — conego da Sé de Bragança — com vencimento.

Se representasse o *Gladiador de Ravena*; — cabo de segurança.

O *Paralytico*: — general reformado.

O *Luiz XVI*: — chorão do passeio publico.

O *Trovador*: — Miguel Maximo.

O *Triboulet do Rigoletto*: — anão da rua dos Retrozeiros.

EXPEDIENTE

D'ora ávante a nossa 1.ª pagina será destinada ao retrato de uma notabilidade, litteraria, artistica, politica ou popular, nacional ou estrangeira, acompanhado dos respectivos apontamentos biographicos, em prosa ou em verso.

Começaremos no proximo numero.

AINDA A QUESTÃO DO THEATRO NORMAL



Sampaio — Esphyngue deu de si. Os rogos, as supplicas, as lamentações enterneceram-n'o.



Os pretendentes não o largavam, allegando isto, allegando aquillo. O Leme dizia:— ella morre tem nostalgia, tem diabetis...



Ah! sim? Isso tambem eu! Fico com o theatro. Tenho a mesma edade a mesma apparencia, a mesma doenca. Boto-me á tragedia! Mais uma economia.



E começou. Primeiro Joanna, a doida. Um delirio. O papel de Philippe, o bello, pelo sr. Fontes.



Depois Thusnesda desfazendo-se do Gladiador de Ravenna. Enthusiasmo. Gladiador o sr. conselheiro Arrobas.



Depois Judith decapitando Holophernes. Um furor. Holophernes o sr. Vaz Preto



Depois Lucrecia Borgia, mascarada, amando o proprio filho, e matando-o no ultimo acto... adicional da monarchia portugueza.



Depois Dama das Camelias, amando todos os partidos e morrendo de tysicsa obesa nos braços do Duval regenerador.



Que desillusão para estes! Parabens ao orçamento e á arte.

Bondallo Pinhi

SABBADO 19 DE JUNHO DE 1875

A LANTERNA MAGICA. — Preços da assignatura: Provincias, 660 réis. — Lisboa, 600 réis per trimestre. — Avulso 60 réis. — Anuncios, 20 réis por linha; os srs. assignantes teem 25 por cento de abatimento. — Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua do Principe, 23, 1.º andar. Lisboa.

NUMERO 6